

O Menino e o Lago



Enquanto o vento corria por toda encosta, mexendo com as árvores, acariciando o campo, dando silhuetas bizarras aos diversos elementos que compunham aquela natureza... O menino estava lá. Sozinho. Ouvindo o canto pavoroso do vento forte. Na pequena ponte que cruzava o lago, sentado, os seus pés também pequeninos sob a água.

-“será mesmo que sou eu?”- Ele dizia baixinho... A se ver naquele espelho azulado.

A cada pensamento ele balançava os pés, desfazendo sua imagem, por horas... Assim passou toda à tarde. O lago refletido nos olhos negros do menino. Os olhos negros, a consumir aquelas águas. O lago refletia o menino. E o mesmo refletia no lago, o porquê de tantos porquês... E um a um passou pela ponte, o que ele denominava de “sentimentos”. O pequenino os olhava, de cima a baixo. Cada detalhe cada nuance por menor que fosse. E sempre que passavam por ele, ele tornava a observa o lago...

O primeiro a se apresentar foi o amor... Chegou daquele jeito, como quem não quer nada, mas, há muito estava ali, sem ser percebido, assim como o menino, só observando as coisas. Entretanto, ele não tentava entende-las. Queria apenas senti-las. Em suas doses mais “cavaladas”. Uma overdose de extremos... Do choro soluçante ao riso frenético, da perfeição a ruína... As coisas para ele só faziam sentido assim. Saltitava, pulsava da mais pura alegria para há mais profunda fossa de tristeza, em menos de um minuto o mundo era destruído e ressurgia incontáveis vezes.

O menino olhou intrigado. Esperava mais de alguém como o amor. O que via na frente da ponte, prestes a dar o primeiro passo? Outro menino, assim como ele pequenino e fascinado com tudo que o cercava, mas, estava sujo, sujo, sujo... Imundo. Despenteado, usando trajes

rasgados, que contradiziam com sua beleza quase divina. Além disso carregava várias marcas, hematomas, feridas...

-“se soubessem que você é assim amor!”- Pensava o menino...

Mas, apesar de tudo isso, o amor não deixava de sorrir, um sorriso tão enorme que deixava o menino constrangido, fazendo-o voltar a observar seu reflexo no lago.

Alguns instantes, intermináveis, de coragem se passaram. E o amor deu seu primeiro passo na ponte. Alegre, confiante, entusiasmado... Olhou para o menino, e este permanecia na mesma posição que passou toda à tarde, havia apenas movido a cabeça de modo que pudesse vê-lo. Nenhuma expressão. Nada, nada... Ao perceber, o amor ficou triste. Deixou uma lágrima escorrer, lágrima esta que tocou o chão e respingou por todos os lados como uma chuva de verão. Em seguida ele novamente sorriu.

Quem pode entendê-lo?

E continuou a caminhar, desejando logo alcançar aquela linda criança ali sentada que passava horas e horas a balançar seus pezinhos no lago.

O menino simplesmente olhou fundo no lago, inerte, desejando não estar ali. E viu novamente seu reflexo borrado no espelho d'água, e dessa vez outra imagem se formava ao seu lado... O amor mesmo abatido, por ter sido ignorado continuava a se aproximar. Passou as mãos nos cabelos e pela milésima vez aquele dia, sorriu, a estender a mão para o menino.

- Vem, vamos brincar! – Antes que a imagem daquele transeunte se forma-se por completo no lago, o pequenino fechou os olhos.

- Não.

- Se você fosse como esta ponte, eu o acompanharia, mas, você leva a tantos caminhos diferentes...

As palavras saíam tão inocentes, que mal se notava a frieza contida nelas.

-Prefiro que vá embora... – Seus pés então criaram novas ondinhas no lago, que desmancharam por completo aquele que ainda estava se formando... Quando abriu os olhos, o menino via apenas a si, e seus pés

molhados a chutar a água fria do lago, e ingenuamente sorria... Um sorriso puro. Um sorriso belo de criança.

O vento sibilava. Cantava, dançava entre as montanhas. O sol perdia sua força, e criava assim, um lindo entardecer, de céu alaranjado e calmo. Existia paz ali, mas, apenas superficialmente...

O belo lago, de tão límpido, copiava o belo céu de tom laranja. Encantando o menino, que chegava a passar minutos sem piscar, olhando o céu e o "céu do lago", comparando-os, tentando descobrir qual era o mais fiel.

Tamanho era o encantamento que ele mal percebera o tempo passando e chegando ao seu lado. Quando deu conta que o céu que vislumbrava não era mais um céu de entardecer e sim o manto frio e estrelado vestido pela noite, muitas horas já tinham se passado, e agora o tempo sentava ao seu lado.

-Não se assuste. – Disse ele.

O menino apenas deu de ombros. Diferente do amor, o tempo, não era uma criança, mas, um senhor. Um senhor de longos cabelos brancos, barba transada, vestia um pesado manto cor de âmbar, cajado na mão e um olhar sereno que parecia ver o infinito.

O menino não achava graça no tempo, na verdade, nem se deu a delicadeza de olhá-lo nos olhos. Mas, de alguma forma a sua voz macia trazia arrepios a pequena criança, que parecia cada vez menor ao lado daquele ancião. Tão pequenina, que agora seus pés não alcançavam mais as águas do seu grande amigo.

-Menino porque não vai para casa? Passas o dia todo aqui, sozinho, não tem amigos? Alguém para conversar? Eu sempre passo por aqui e você nunca me nota, sempre admirando algo no lago...

O mesmo se esforçava tentando a todo custo tocar o lago com os pés, porem, sem sucesso. Então vez um muxoxo.

- Você tem tantas perguntas... Falava ele franzindo a testa.

- Cuidado criança. Eu sempre vou passar por você nunca vou deixá-lo só, mas, você... Jamais poderá passar por mim.

O menino sentiu frio. Olhou o outro lado da ponte... E pensou o que o aguardaria ali... Daquele lado, por cima das montanhas, uma lua cheia crescia, parecia sugar as trevas para si.

Quase um grito. Silenciado por lágrimas. O menino tentou, porem o susto de sentir a água gelada, que tanto buscava nos pés o calou. Por pouco não o derrubou da ponte. Seus pés foram recolhidos, o lago agora parecia amedrontá-lo, parecia encará-lo. Parecia querê-lo...

-Tempo me dig...

Ele já não estava ali. Havia ido embora e a criança não tinha notado. No seu lugar ficou o medo. Medo de estar só. Medo daquilo que o cercava, medo de encarar aquele espelho límpido abaixo da ponte. Por um tempo ela chorou. Chorou sozinha e baixinho no meio da ponte, que cruzava um lago, no centro de um vale escuro... Até ouvir o primeiro uivo... E depois de tantas horas sentado, finalmente se levantar.

Agora o lago parecia gigante, e ser tão pequeno naquela imensidão era apavorante. Em certos momentos a ponte parecia balançar, e o que poderia trazer mais tormento a isso tudo?

A certeza de esta sendo observado...